

A VOLTA À ESPANHA

Uma vitória de JOÃO LOURENÇO



A chegada dos ciclistas a Gijón foi emotiva. Lourenço, segundo da esquerda, conseguiu bater Langarica nos últimos centímetros. Délio, tentou ultrapassar o português, mas não o conseguiu, como se vê. Todavia, o júri deu o espanhol como vencedor, quando deveria ser Lourenço (1.º) Langarica (2.º) e Délio (3.º)

Stadium

N.º 183 — 5 de Junho de 1946

2#00



FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

A ILUMINANTE

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA

AGARRA-TE! como ruderes!



José Luis, entre malas de toda a espécie, volta à capital

CATCH AS CATCH CAN — a luta livre americana — vai ser apresentada em Lisboa por um grupo de atletas, homens de músculos de aço — campeões da energia e da agilidade. São espanhóis e franceses — grupo que impressiona pelo seu aspecto físico. Entre eles vem um português, um rapaz bem parecido, bom aspecto atlético, fazendo alarde dos seus 25 anos. É José Luis, esse rapaz que vimos boxar em Lisboa, que ainda no ano passado era «challenger» ao título de campeão de Portugal. Depois, quase sem darmos por isso, deixou Lisboa e uns meses depois notícias de Espanha relatavam que o nosso compatriota se evidenciava nas competições da luta livre americana que no país vizinho goza de grande interesse.

José Luis, ou «Joe Luis» como é conhecido em Espanha, falou-nos com entusiasmo da luta livre.

— Nada me dizia quando em Aljezur, num circo ambulante, lançaram um repto para quem quisesse defrontar-se com um «boxeur» da troupe e eu aceitei o desafio, que viria mais tarde a ser lutador.

— Porque deixou o boxe para se dedicar à luta?

— As nossas organizações de boxe não me agradaram. Depois o antigo campeão de Espanha, José Salvador Estrela, quando esteve em Lisboa, viu-me combater e convidou-me a acompanhá-lo.

— A luta livre pode ter em v. um bom elemento — disse-me.

Agradou-me a proposta. Tive sempre especial predilecção pelos desportos violentos e abalei para Espanha. Durante meses fui submetido a constantes treinos e Salvador Estrela ensinava-me todos os golpes. Ao mesmo tempo a modalidade conquistava-me e quando pela primeira vez subi ao ringue combati com violência. Disseram-me que estava lançado. Assim foi de facto. Em Espanha os meus combates tem agrado sempre.

— Mas houve um combate em que o público se irritou consigo?

— E teve razão. Já o meu adversário se declarara vencido e ainda eu não lhe largava a perna. Mas a luta perturba-nos...

— Sabe que algum público tem a impressão de que no catch não se luta a sério, que os resultados são combinados?

José Luis olha-nos um pouco aborrecido pela pergunta e muito a sério declara-nos: — Em Espanha há um prémio de 50 contos para quem queira subir ao ringue e provar que os resultados no catch não são a consequência séria de uma luta violenta, luta de atletas que prezam a vitória.

E, firmemente, José Luis diz-nos: — Nesta luta livre cada lutador tem de se defender, pois que está bem provado que nós em cima do ringue perdemos a cabeça...

No boxe, por exemplo, quem não quer dar também pode não levar, mas no catch quem não der já sabe que leva... O nosso José Luis querendo convencer-nos da dureza dos golpes dos lutadores do catch, exemplifica. Simulamos a seu pedido um «taque» e recebemos rapidamente a «prisão» respectiva. Os ossos deram um estalinho...

— Na luta — diz-nos depois — tem de se andar sempre a combater. Cada um tem de se defender por todos os meios ao seu alcance.

— Quantos combates já fez?

— Cerca de 60, em Espanha, França e um na Suíça.

— Qual o lutador mais difícil?

— Tabala. Um grande e perigoso lutador. É o campeão da Catalunha e deve ser o de Espanha. Mas com Orteaga disputei o combate mais violento.

— Tem a recordação de «maus bocados»?

— Alguns. Uma perna partida, fractura de um dedo e da arcada supraciliar. Neste momento tenho duas costelas tocadas.

— Mas continua a gostar da luta?

— Muito. É para mim o meu grande desporto. Sou campeão de pesos médios em Espanha.

— E agora?

— Depois destes jogos em Portugal volto a Espanha. Espero disputar o campeonato da Europa e se fôr à América verel realizada a minha maior aspiração de lutador de catch.

— Que desportos praticou mais?

— Joguei futebol pelo Sporting Farense e pratiquei ciclismo.

— Como treina?

— Ginástica, muita ginástica e sessões fortes de luta com o meu treinador e mestre.

De manhã uma prova de marcha para conservar o fôlego.

José Luis apresenta-se fisicamente com bom aspecto. Disposição magnífica, um grande desejo: lutar e triunfar no catch as catch can com o pesamento constante nuns olhos tentadores e apaixonados que em Espanha venceram com facilidade este lutador português de músculos de aço...

FERNANDO SA



A equipa de que faz parte José Luis, à sua chegada no Rocio



De alto a baixo, 6 dos lutadores que devem exhibir-se no Parque Mayer

OITO DENTRO E OITO FORA

Os campeões em desgraça — Visão de conjunto da jornada
— A influência do Sorteio — Possibilidades dos concorrentes

Crónica de TAVARES DA SILVA

NA primeira eliminatória da Taça de Portugal tomaram parte dezasseis concorrentes. Por Associações distritais:

Lisboa — Belenenses, Benfica, Sporting, Atlético e Estoril Praia.
Porto — Futebol Clube do Porto e Boavista.

Braga — Vitória de Guimarães e Famacião.

Coimbra — Associação Académica e União.

Setúbal — Vitória de Setúbal.
Faro — Olhanense e Portimonense.

Aveiro — Oliveirense.
Beja — Sport Lisboa e Elvas.

Por deliberação federativa, a Taça disputa-se em quatro eliminatórias — oitavos, quartos, meia-final e final — em uma só mão e em campo neutro. Verificaram-se os seguintes resultados:

Estádio Nacional
Benfica 3 — Belenenses 0.

Marinha Grande
Sporting 6 — Académica 3.

Estádio do Lumiar
Atlético 2 — Estoril 0.

Coimbra
Porto 7 — Vitória de Setúbal 1.

Aveiro
Boavista 3 — União de Coimbra 2.

Almada
Vitória de Guimarães 5 — Portimonense 0.

Estádio Nacional
Famacião 3 — Olhanense 2.

Santarém
Elvas 5 — Oliveirense 1.

Trata-se de uma competição que não perdoa — quem perde morre. Quando os campeonatos se disputam na jornada de *poule*, um deslize poderá ser resgatado mais tarde — à força de sacrifício e tenacidade. Na Taça de Portugal, o caso é diferente. Quem marca menos *goals* do que o seu adversário — arrumará as botas, aguardando que venha a próxima época para recomeçar a labuta.

Há equipas que têm mais predisposição para este género de provas do que as outras. São aquelas que se dão à luta até à derradeira migalha de energia. Que se agigantam, sendo capazes de, num arranco, mudar a fase dos desafios. Torneios próprios para surpresas — são muito curiosos e verdadeiramente excitantes para os adeptos!

Em cada jornada derrama-se sempre sangue. Logo no primeiro dia ficaram no caminho, sem po-



Capela, na defesa de um canto

derem prosseguir, oito grupos: Belenenses e Estoril; Académica e União de Coimbra; Olhanense e Portimonense; Vitória de Setúbal e Oliveirense. As Associações de Coimbra, Faro, Setúbal e Aveiro desapareceram do mapa.

Continuam na prova: Benfica, Sporting e Atlético; Porto e Boavista; Vitória de Guimarães e Famacião; Sport Lisboa e Elvas. O futuro dependerá muito de uma operação que se chama Sorteio. É que os fortes poderão eliminar-se uns aos outros, e os fracos nessa hipótese vão singrando... Por outro lado, o favor do jogo pode também favorecer aquele que, teoricamente, se supõe menos cotado.

A primeira vista, poderá parecer extraordinário que um *team*, ainda quente do título de campeão nacional, tenha sido batido. E, todavia, raro, aqui, e em qualquer país em que os torneios se encandeiam da mesma forma, verificar-se num campeonato a eliminar a vitória daquele que venceu o da *poule*. No caso presente, há a acrescentar que o Benfica estava em melhores condições do que o seu adversário. O Belenenses encontrava-se praticamente arrasado, de nervos e ainda fisicamente. A ameaça esteve suspensa

da sua cabeça em todos os domingos da fase final, a tal ponto que a questão apenas se resolveu no último apito. O triunfo benfiquense e a derrota de Belém são aspectos que se conjugam e que estão perfeitamente certos.

A grande surpresa correu a cargo de um novíço, o Famacião, que pôs fora de combate o campeão algarvio. O Olhanense já vinha a dar indícios de *abaixamento*, mas nada fazia prever o desfecho. Os rapazes de Famacião constituem um conjunto aguerrido e audacioso, mas faltalhes fundo e organização. Os do norte avançaram muito no marcador, e os algarvios, vendo a morte, reagiram, mas sem êxito. O antagonista havia-lhes tomado o pulso e estava senhor da situação.

Dos quatro clubes da Segunda Divisão, o único que passou foi o Famacião. O campeão morreu, assim como os outros dois, União de Coimbra e Portimonense.

Quanto aos demais encontros, parece-nos de salientar a circuns-

tância de dois deles terem prolongamento. Para o Sporting eliminar a Académica e para o Boavista se desembaraçar do União de Coimbra foram necessárias duas horas de jogo. Tratando-se de encontros que carecem de decisão, o prolongamento de meia hora (duas partes de quinze minutos) é um recurso.

Não deixa de ferir a nossa atenção o facto dos *leões* não conseguirem bater o seu adversário na hora e meia. Sem dúvida, a Académica chegou ao fim da época em progresso. Treinou — no campeonato nacional. Uma linha fresca e ousada, com um ataque que não se intimidava facilmente.

Também o União de Coimbra se comportou muitíssimo bem, obrigando o seu adversário a consumir todas as reservas de energia. Em qualquer destes casos de prolongamento, a preparação física decidiu o pleito. O Boavista, como o Sporting, suportaram sem esforço, pelo menos, aparente, aliás, sem fadiga, a meia hora do prolongamento.

Há um resultado de desnível: 7 a favor do Porto e 1 pelo lado de Setúbal. Da parte dos setubalenses — jogo de passes elevado ao infinito. Da parte dos portuenses — jogadas lineares, com infiltrações rápidas e remate forte e prático.

A vitória de Guimarães sobre o Portimonense, por 5-0, e a de Elvas contra o Oliveirense, por 5-1, também são desfechos que, embora lógicos, não eram esperados. É possível que os vencedores tenham feito mais do que a sua média normal, e que os vencidos não tenham chegado ao que são capazes. Por fim, o resultado do Atlético, justo, mas com a sorte do jogo pelo seu lado, e exprimindo mais perfeita organização. Ao todo marcaram-se 43 *goals*, o que dá a média de cinco e meio aproximadamente, por desafio. Não se poderá afirmar que os avançados tenham tido os pés tortos. Como passamos a vida a acentuar que o jogo português é futebol sem remate



Elói, em luta com a defesa benfiquense

A compreensão da ginástica

Nos últimos anos tem-se progredido no capítulo da ginástica em Portugal. Lutando contra a incompreensão de muita gente teimosamente rebelde aos benefícios da prática dos exercícios ginásticos — os nossos clubes vão criando e alargando o número de adeptos.

Até há pouco tempo, relativamente, somente os clubes especializados cultivavam a ginástica — mantendo cursos dirigidos por mestres consagrados. Mas essa prática generalizou-se, e hoje todos os dirigentes desportivos, com a noção exacta do seu dever, são ao mesmo tempo propagandistas da cultura física. A ginástica não se pratica nos clubes de desporto apenas por imperativo da lei, mas pelo reconhecimento da sua utilidade.

Os jogadores de futebol, por exemplo, mesmo os internacionais, mostram certa aversão pela ginástica. Aos poucos, porém, já acostumados, e com a magnífica orientação do professor Luis Adão, entregaram-se

parece-nos digno de nota o por menor.

Na primeira jornada desapareceram cinco clubes da Primeira Divisão e três da Segunda.

ESTÃO na liça oito concorrentes e escrevemos a poucos minutos do Sorteio se realizar. Que se iria passar? Já dissemos como a vida dos participantes depende dessa operação fundamental das competições a eliminar.

Todavia, aparecem-nos, como mais cotados, isto é, com mais possibilidades de agarrarem a Taça, os 2 Históricos, Benfica e Sporting.

O Benfica está já bem lançado na prova. O triunfo sobre o campeão nacional, constituindo uma espécie de lenitivo para o mal do campeonato precedente, coloca-o em manifestas condições morais. O «onze» tem coesão e jogo, e a tradicional fibra que faz do Benfica um *team* diferente dos outros. O Sporting, provavelmente, em plano inferior no capítulo de organização de jogo, acusa força e vigor. Isto não é indiferente num final de época, em que as reservas atléticas são escassas.

Há também quem contar com Porto, Atlético e Elvas. O campeão do Norte livrou-se da decadência e organiza-se o melhor possível. O primeiro desafio da Taça afirmou-lhe o remate, e este resultado puxa outros resultados, Atlético também pode dar a nota aguda, anulando as forças dos melhores e mais poderosos. Elvas tem, pelo seu lado, o desejo cada vez mais forte de se animar. Afirmaremos ainda que não chegaria a provocar espanto qualquer surpresa a cargo de Guimarães, Famalicao e Boavista. Lembremo-nos que cada eliminação dura apenas hora e meia, que o futebol é caprichoso, e que algumas vezes os mais fracos transformam-se em mais fortes.

abertamente e agora sentem satisfação na sua prática.

Vem isto a propósito do êxito conseguido pelos ginastas portugueses do Ginásio Clube e do Lisboa Ginásio, os novos dois grandes institutos de educação física, em terras de Espanha. Os métodos adoptados em Portugal, tanto na ginástica educativa como na aplicada, impressionaram vivamente os técnicos da vizinha nação.

Um desporto que nos honra

Apesar de praticado por um número reduzido de desportistas, se o compararmos com outras modalidades, é indiscutível que o hóquei sobre patins de rodas atingiu entre nós um grande desenvolvimento.

Ainda outro dia, em conversa com um rapaz, português, filho do nosso amigo Xico de Oliveira, enraizado benfiquense, que acompanhou a selecção portuguesa a Montreux, disse-nos ele, naturalmente ufano, que o jogo desenvolvido pelos nossos representantes tinha sido muito admirado, cotando-se em técnica e em outros aspectos como o melhor de todos. A opinião dominante na Suíça era de que, actualmente, dada a inactividade inglesa por falta de rinks em condições, o hóquei português deveria ser o melhor da Europa.

Agora, mesmo, na Catalunha, um clube lusitano, o Paço de Arcos acaba de demonstrar, com brilho irradiante, o grau de perfeição a que chegou a modalidade em Portugal.

Há por aí muita gente que tem a mania de diminuir os feitos lusos, e, portanto, parece-nos que ficam bem estas palavras de exaltação ao hóquei português e aos seus praticantes — que tão bem se comportam no estrangeiro.

Justa pretensão do remo português

Não sabemos a que resultados positivos chegaram as Associações filiadas no congresso para a remodelação da Federação Internacional de Remo, mas já nós fizemos eco do intento que os dirigentes portugueses levavam ao tomarem parte na assembleia. O seu objectivo era trazer para o nosso país os campeonatos mundiais de remo, habendo desde já a certeza da existência de uma magnífica pista no Norte do país, a alguns quilómetros de Braga, e de possibilidades materiais para a sua execução, que interessa de um modo geral todos os desportistas nacionais e especialmente as entidades oficiais, o município e o povo de Braga.

Numa altura em que as relações desportivas internacionais se intensificam, e em que Portugal se afirma um valor no campo prático da actividade e um sincero adepto da causa, além de começar a dispor de uma utilíssima desportiva já muito completa, afigura-se-nos que, realmente, podemos requerer os campeonatos internacionais de remo para o nosso país e demostremos ter deferimento. Pelo menos, merecêmo-lo.

O FESTIVAL do Algés e Dafundo

Algés e Dafundo continua a dar o exemplo — organizando, regularmente, as suas provas inter-sócios.

Debaixo do ponto de vista de competição, estes festivais têm um valor relativo, visto não ser este o seu objectivo principal. Valem, no entanto, como excelente meio de propaganda, e servem especialmente para aequalizar do valor de determinados elementos com vista às competições oficiais, ao mesmo tempo que permitem um mais fácil e seguro «controle» de forma, não só das suas figuras mais representativas, mas também daqueles nadadores — e que muitos são — que, muito embora ainda não atingiram os primeiros postos, trabalham, no entanto, com entusiasmo e dedicação dignos dos melhores encómios.

E dentro destes objectivos, o festival correspondeu ao fim em visto, tal como o de há duas semanas.

Pena foi, no entanto, que a manhã chuvosa de domingo último o tenha prejudicado grandemente. O dia, de facto, não convidava a nadar. O público não compareceu, como é lógico, e alguns nadadores também se abstiveram de participar nas corridas. Hove, portanto, pouco entusiasmo, corolário natural do que acima expomos. Mas o festival realizou-se — a despeito de tudo. E «tempos» se realizaram até, que merecem registo.

Eduardo Murta Barbeiro, na prova de 66 metros-costas principiantes, venceu bem, quase sobre a melo, Fernando Madeira, As marcas obtidas são eloquentes a esse respeito: 57 s. 1/10 e 57 s. 8/10, respectivamente.

A prova de 100 metros livres, principiantes, forneceu um agradável conjunto de resultados, com Guilherme Patrão, 1 m. 4 s. 2/10 em posição de relevo.

Além dele, porém, António Golo

Alves (1 m. 11 s. 5/10), Manuel Ricciardi (1 m. 14 s. 2/10) Leonel Golo Alves (1 m. 14 s. 4/10) revelaram boas possibilidades.

João Franco do Vele, impedido de treinar durante muito tempo por motivos de saúde, voltou a afirmar, na prova de 100 metros-costas, indicados, as suas magníficas qualidades para este «estilo»: O «tempo» obtido — 1 m. 19 s. 8/10 — coloca-o entre os melhores especialistas da distância e abre-lhe, sobretudo, largos horizontes com vista ao futuro.

O Algés deu-nos mais uma reunião natalária. As vistas voltam-se agora para o festival de homenagem à Imprensa, marcado pela F. P. N. para segunda-feira próximo. Vai começar o duelo Algés-Estrela Praia! A natação vai movimentar-se...

Abreu Torres

Foi desportistas náuticos

No n.º 89 do «Jornal do Pescador», começa a publicação dos ensinamentos para o curso de Patrões de Co.ia, de grande interesse para todos os velejadores, pelo desportista 2.º tenente Brás das Neves

Preço da assinatura anual. 25\$00
Preço avulso..... 2\$00

Redacção e Administração
Largo da Princesa, 2

Distribuidores:
PARCERIA A. M. PEREIRA
— LISBOA —

JÚNIORES

Uma vitória expressiva do Sporting C. P.

MAIS uma jornada do campeonato nacional de juniores — para apurar 3 vencedores: — o Sporting e o Benfica, primeiro e segundo da capital, e Sporting de Espinho, campeão de Aveiro. O Leixões e o Sporting de Coimbra, este campeão e aquele contendor imediato, vêm de efectuar um novo encontro.

Da jornada há a referir a excelente vitória do Sporting, que derrotou o Caldas S. C. pelo expressivo resultado de 9-0. Os campeões lisboetas estão em forma, e isso puderam demonstrar nesta jornada de Torres Vedras. Pouca resistência lhe ofereceu o adversário, de modestos recursos.

Já o Benfica apenas conse-

guia eliminar o Aldegalense pela tangente. Os campeões do distrito de Setúbal denunciaram preparação cuidada e bom futuro, resistindo admiravelmente ao ainda campeão de Portugal da categoria.

O Sporting de Espinho, campeão de Aveiro e finalista da época passada, parece disposto a chegar de novo no último desafio da prova. E sabe-se lá se mais além...

No domingo, embora mais perto de casa — não conseguia a Académica vencer os espinhenses, vencedores por 2-0. Caso a assinalar: os estudantes, contra o que seria de esperar, ainda não conseguiram impor-se na prova desde que ela se disputa.

AS «faenas» de MANOLETE

As melhores «faenas» de «Manolete», são todas! — dizem os cordoveses, e muitos «aficionados» de outras regiões de Espanha, e até de Portugal. Realmente, são todas melhores umas que outras as «faenas» de «Manolete», melhorando sempre, melhorando-se a si próprio. Mas, de todas, as melhores foram as que «Manolete» teve, fora da arena, no México, e agora, em Portugal.

A do México foi-nos descrita pelo bom peão português António Correia que no México toureou em 24 corridas com os melhores matadores e que atrás do de Cordova seguia para uma que se realizava num dos Estados.

Era acidantada a estrada, através duma cordilheira, com subidas e descidas inclinadas, com precipícios a cada passo. O condutor do automóvel de «Manolete», decidiu fazer as descidas em «prise», abusando tanto dos travões que estes deixaram de funcionar numa descida inclinadíssima. Iam já a uma velocidade vertiginosa, e do lado direito espreitava-os um barranco de centenas de metros de altura. A morte era certa para todos, se «Manolete», que ia ao lado do condutor de automóvel, não tivesse tomado uma resolução rápida: a de fazer, num toque enérgico no volante, com que o carro se inclinasse para o lado esquerdo, aquele que oferecia menos perigo por ter uma encosta protectora.

O choque foi brutal e o carro foi-se amolgar contra a encosta, mas ninguém morreu, o que aconteceria fatalmente se caíssem pelo outro lado. Todos ficaram mais ou menos contusos, mas vivos, e «Camará», que ia no assento de trás, não pôde calar o seu entusiasmo de salvado e de «apoderado»:

— Varga mano izquierda! Así se torea! Es tu mejor «faena»! A outra melhor «faena» de «Manolete» foi esta de agora, ao regressar do México, aguardado em Lisboa por empregários que lhe ofereciam tudo para tourear, aguardado em Espanha por todos, à espera de vê-lo, pelo menos.

E, que faz «Manolete»? Deixa que todos sigam para Madrid, julgando que o antecidiam apenas algumas horas, deixa que levem uma esperança de o verem em Espanha, de o verem, ao menos, e fica tranquilamente em Lisboa.

Aloja-se no Estoril, dá ordem no hotel para não o incomodarem, para que ninguém lhe possa falar, nem pelo telefone, e descansa, enfim só, isto é, bem acompanhado. E à noite, pela calada, vai para o Casino, e entretém-se na roleta — arriscando migalhas dos milhões que ganhou na América — e baila no Wander-Bar, como qualquer turista rico que se quer divertir sem que o aborçam. Queriam que ele corresse em Espanha, e ele diverte-se em Portugal, com quem quer. Não evitará que vão até ali os caçadores de autógrafos, mas assina os albuns e os leques como poderia assinar as contas do bar, se as não preferisse pagar «al contado», que os cordoveses são desconfiados, e sabem que fiar custa caro.

E enquanto de Espanha telegrafam e telefonam para saber quando ali chegará, «Manolete» não quer saber de nada, e descansa, e diverte-se.

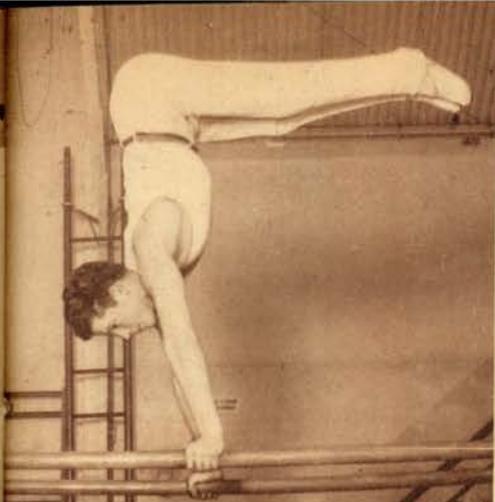
Que grande «faena» esta de «Manolete»! das melhores da sua vida, esta e a do México.

«EL TERRIBLE PÉREZ»

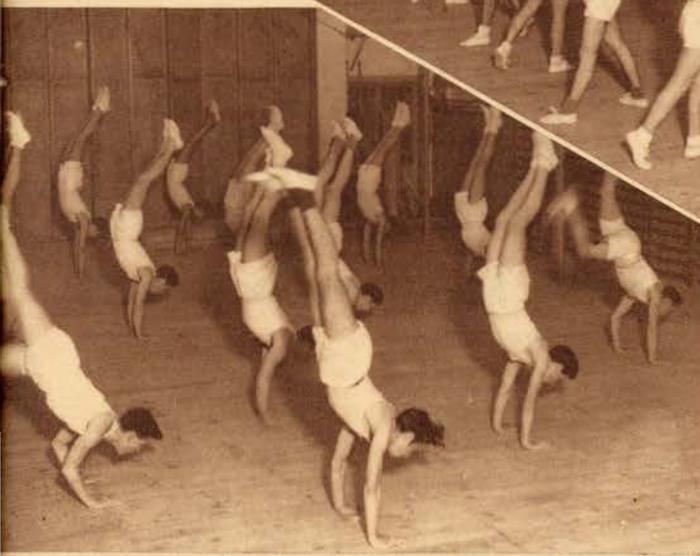
«Manolete», ladeado pelas cabeças do seu amigo Manuel Caselro e do seu apoderado «Camará», pelos óculos escuros de Andrés Gago, que é apoderado de Carlos Arruza, e pelo sorriso optimista do empregário sr. Balañá. Nas extremidades os críticos tauromáquicos «Villapecelin» e «El Terrible Pérez», este de braço dado com «Gitanillo de Triana». Ao fundo esconde-se o jornalista Mendez Domínguez, da Agência «Efe», que durante duas noites esperou na Portela de Sacavem a chegada do «Monstro».

(foto Avis)





A Actividade do Lisboa Ginásio



COMO não podia deixar de ser, triunfaram os ginastas portugueses em Madrid. As embaixadas que até á capital de Espanha fizeram deslocar o Ginásio Clube Português e Lisboa Ginásio Clube, receberam pública demonstração de simpatia nas suas exhibições. Como agradaram, evidentemente, os conjuntos espanhóis, onde a ginástica começa a impressionar, o que até aqui não acontecia. Pelo menos nos últimos anos, estiveram paradas as escolas madrilenas, que nesta altura produzem trabalho utilissimo, graças ao auxilio official e também á devotada persistência dos seus principais agrupamentos.

No nosso país, vários nucleos trabalham activamente. Ainda há semanas apresentamos o Ginásio Clube Português no seu «laboratório» da Rua de Serpa Pinto. Hoje, calha a vez ao Lisboa Ginásio Clube. São os dois principais Institutos de Educação Física de Lisboa e por certo do país, que agora levaram até Madrid as suas melhores seleções de senhoras, homens e rapazes.

Na série de gravuras que publicamos nesta página observa-se a correção de dois esquemas orientados por Kurt Johnson. Os rapazes do Lisboa Ginásio impressionaram extraordinariamente no Coliseu e em Madrid. As senhoras, como sempre, imprimem graciosidade, frescura, alegria aos espectáculos de ginástica. E dentro do estilo forte dos exercícios — apreciem-se Gomes e Raul Caldeira nas paralelas. Estamos no fim da época. Podemos dizer que a ginástica portuguesa não deixou os seus creditos por mãos alheias.

A VI VOLTA A ESPANHA EM BICICLETA

De Valência a San Sebastian

(Do nosso enviado especial GIL MOREIRA)

S. SEBASTIAN, 22 — Está terminado o terceiro troço da VI Volta à Espanha, que compreendia as etapas Valência-Castelón, Castelón-Tortosa, Tortosa-Barcelona, Barcelona-Lérida, Lérida-Saragoça e Saragoça-S. Sebastian. Eram 987 quilómetros de percurso, não muito acidentado, com etapas de estradas de bom piso, mas algumas também em péssimo estado de conservação.

Completaram assim os 34 estradistas que ainda restam na prova 2523 quilómetros dos 3826 que compreendem as 30 etapas da Volta. Estão desta maneira vencidos dois terços da competição, preparando-se os corredores para percorrer o mais difícil troço de toda a prova, ou sejam as tiradas entre S. Sebastian e Gijón, através das montanhas de Biscaia e das Astúrias — 747 quilómetros de estradas que incluem as serras de Urquiola, Solabe, Puertas de Sia e Alisas e os maciços de Castiño Pedroso e do Escudo.

Não foram desfavoráveis de todo para os portugueses estas seis últimas etapas, podendo mesmo dizer-se que, dentro das actuais possibilidades dos nossos representantes, eles tiveram comportamento bastante meritório. De Valência para Castelón, 67 quilómetros contra-relógio, por equipas, o grupo lusitano conquistou, por mérito próprio, e portanto muito merecidamente, uma terceira classificação colectiva, com o bom tempo de 1 h. 38 m. 11 s. ou seja apenas mais 3 m. 44 s. que a equipa vencedora (a holandesa) e 2 m. 27 s.



ARISTIDES MARTINS

o melhor português na última tirada, depois de chegar a Madrid

que os famosos galindos, classificando em segundo lugar.

Foram obreiros desta bela proeza o sabedor João Lourenço, a rolar de maneira impressionante, e Rebelo, também excelente nesta tirada, se bem que Aristides, algo mais frágil, não houvesse deitado muito dos seus companheiros. É certo que, com os portugueses, correram (porque assim determinou o sorteio), Costa e Fombelida, dois bons rolandeiros. Mas isso em nada diminuiu o valor do feito da nossa equipa, que, se beneficiou da ajuda de dois espanhóis, também não pôde contar com a de Jorge Pereira, logo no princípio da tirada com um pedal que o não deixava actuar regularmente.

Volto Lourenço, um homem que teria desistido, se não fora a sua inquebrantável força de vontade, nas tiradas até Granada, a brilhar na etapa Castelón-Tortosa, conquistando o honroso terceiro lugar, numa série emocionante de provas de desempate, depois de haver chegado a Tortosa agrupado com todos os outros adversários. Ao vencedor da etapa, o rápido Fombelida, seguem-se Aguiñezabal e Lourenço. O nosso compatriota foi dos corredores que mais impressionou o público que enchia a elegante pista de Tortosa, pela sua facilidade de movimentos e elegância de pedalar.

Disposto a obrigar a crítica a ocupar-se dos portugueses, Rebelo partia para a etapa Tortosa-Barcelona com o firme propósito de fazer corrida de vulto. E conseguia plenamente o seu objectivo. Primeiro, com uma série de ataques, espalhou o pânico entre os adversários, a maioria dos quais, uns por incapacidade física e outros por comodismo, não estavam muito convencidos de que teriam de lutar com afinco. Mas a insistência de Rebelo acabou por dar resultado. A meio da tirada isolou-se apenas com Bernardo Raiz — um Pirelli que tem fortes desejos de se evidenciar. Não foi feliz o duo de fugitivos, porque os «galindos», evitando repetir o erro da etapa de Granada — em que Costa e Lambrechts, isolando-se longe, lograram vantagem de vulto — empregaram-se a fundo, todos por um e am por todos, não tardando em estar nas rodas de Raiz e Rebelo. Este porém é que se não convenceu, porque, quilómetros passados, ensaiava nova fuga, desta feita proveitosa.

Foram na cola do português Costa e Pawels, que depois se abstiveram imcompreensivel-

mente de o ajudar, Langarica e Raiz. Numa marcha endiabrada, imposta por Rebelo, e por vezes secundada por Langarica e Raiz, os cinco fugitivos chegaram a Barcelona com uma vantagem de sete minutos sobre um pelotão de vencidos, dos quais faziam parte os melhores elementos da caravana. No primeiro circuito de Montjaich (eram quatro que os corredores tinham que percorrer), Rebelo, fatigado, teve de ceder, mas a sua prova fora tão brilhante que lhe conferiram prémio especial de combatividade. A tirada ganhou-a Langarica, um homem que tem melhorado de dia para dia, seguido de Costa, Pawels e Raiz. Rebelo classificou-se em quinto lugar, apenas a 1 m. 32 s. do vencedor, não obstante percorrer, sozinho, mais de 30 quilómetros.

Com corrida mediocre — Lourenço a amparar Aristides e Jorge Pereira — os outros portugueses chegaram algo atrasados à capital da Catalunha, com o tempo de 7 h. 25 m. 48 s.

Nada de extraordinário se verificou nas tiradas Barcelona-Lérida e Lérida-Saragoça, ganhas por Dello Rodriguez, numas embalagens finais movimentadas e em luta com todos os corredores. Tempos: 5 h. 45 m. 28 s. para a primeira, de 162 quilómetros, e 5 h. 24 m. 15 s. para a segunda, esta de 144 quilómetros.

De San Sebastian a Madrid

De S. Sebastian a Madrid havia dois troços distintos de etapas, cada qual com suas características especiais. O primeiro compreendia as tiradas S. Sebastian-Bilbao, Bilbao-Santander, Santander-Reinosa e Reinosa-Gijón, tudo caminhadas muito acidentadas e que tinham certamente de ser disputadas de baixo de chuva e com temperaturas muito frias. O segundo sector era mais fácil, porque das tiradas que o constituíam — Gijón-Oviedo, Doreda-Leon, Leon-Valladolid e Valladolid-Madrid — só a segunda e um pouco a última possuíam percursos traçados nas montanhas.

Sem atingir, sobretudo individualmente, o brilhantismo do ano passado, o comportamento dos portugueses nestas últimas oito etapas foi todavia muito meritório, e revelou um leal e eficaz espírito de equipa que justo se torna assinalar.

A caminho de Bilbao, Rebelo tentou repetir a proeza de 1945, isolando-se pouco depois da partida. Desta feita, porém, por mo-



JOAO REBELO
o melhor do grupo português na Volta a Espanha

Ninguém perdea tempo nestas tiradas, pelo que as classificações ficaram como haviam sido ordenadas em Barcelona: Costa em primeiro, com uma vantagem de 15 m. sobre Langarica e 30 em relação a Lambrechts. Berrendero continua em quarto, seguido de Fombelida, Dello e Sancho. Rebelo, agora em 24.º — está a 1 h. 50 m. 1 s. de Costa.

Foi infeliz o estradista leonino na tirada para San Sebastian, pois foi dos poucos que jurou e então com uma frequência que desesperava: quatro vezes nos últimos 20 quilómetros. Assim, não só perdea alguns segundos na tirada, como levou os companheiros, em belo espírito de camaradagem, a perdê-los também, para o não deixarem só na estrada.

Chegados os corredores de novo em pelotão à capital da Guipuzcoa, não admira que Dello voltasse a triunfar. Mas o reverso da medalha para os homens rápidos começa amanhã, com a etapa San Sebastian-Bilbao — caminhada onde serão senhores os trepadores, categoria esta para que Rebelo tem alforria.

tivo de serem já conhecidas as facilidades do português e os adversários, no conjunto, de maior classe, os intentos de Rebelo foram frustrados.

O português foi, todavia, primeiro no «contrôle» da etapa, concluindo-a apenas a 1 m. 12 s. do vencedor, — o possante Langarica, creditado com 7,25 m. 31 s. para os 207 quilómetros.

Não podendo ganhar a tirada, Rebelo teve, no entanto, porte valioso no longo das serras Urquiola e Solabe. Nestes montes, que contavam para o Prémio da Montanha, o sportingista apenas saía batido por Emilio Rodriguez e Langarica, os melhores trepadores da Volta, e por Font, mas este, mercê dum esforço exagerado, que o viria a prejudicar em tiradas futuras.

Para Santander — etapa de 226 quilómetros — lutou-se menos que na véspera, havendo apenas escaramuças durante as sabidas dos «puertos» de Sia e Alisas. De novo, Rebelo deu boa réplica

(Continua na pag. 15)

Não se realiza o Portugal-Espanha

1 O assunto está definitivamente arrumado: não se disputa esta época o Portugal-Espanha. Últimamente, ainda, em Madrid, o assunto voltou a ventilar-se, aproveitando o sr. dr. Salazar Carreira a sua deslocação para, mais uma vez, se ocupar da efectivação do encontro, em Lisboa, já que tínhamos visitado a Corunha no ano passado.

Tudo em vão. Para a presente época — nada feito. Não há possibilidades de trazer ao nosso país o *team* que sempre nos venceu e, que, pelos vistos, não quer perder... Ficou, ao menos, assente a sua efectivação para a próxima temporada, e acreditemos, desta vez, na palavra da Federação Espanhola.

Provavelmente, o Sevilla não virá a Lisboa

2 Os dirigentes portugueses que se deslocaram a Madrid para ver se arrancavam o consentimento oficial para um desafio Belenenses-Sevilla em Lisboa foram muito bem recebidos, com verdadeiras provas de simpatia e gentileza, mas o Sevilla ficará em Sevilla. Assim nos dizem, pelo menos. Poderes mais altos deram cabo da iniciativa. Foi pena!

A ideia de ganhar transforma os homens

3 Não há meio de fazer entrar na cabeça dos jogadores que a principal virtude do desportista é ganhar sem deprimir o adversário, e perder com apuro.

Dada a ideia que anima a F. N. A. T., no seu desporto corporativo, faz-se todo o possível para que os jogadores se tratem em campo como amigos e camaradas. Mas a ideia de ganhar faz esquecer em um instante a boa doutrina que constantemente se procura instilar.

A nossa imparcialidade e a parcialidade dos outros

4 É vulgar em conversas sobre a bola ouvirmos as pessoas pronunciarem-se da seguinte maneira: Fulano é muito faccioso; para ele só os jogadores do seu clube é que são bons.

Mas a conversa continua, e a pessoa que assim fala mostra-se, no fundo, a mais parcial de todas. Para ele, afinal, é que só os jogadores do seu clube são bons.

Os filmes dos jogos como elemento de estudo

5 Assistimos outro dia à passagem do filme do Portugal-França, que tem, diga-se de passagem, pormenores admiráveis, como, por exemplo, a bola da vitória marcada pelo jogador Peyroteo. Que perfeição! Ocorreu-nos que estes filmes, mesmo silenciosos, podiam ser adquiridos pela Federação como matéria de estudo. Para corrigir e aperfeiçoar os próprios internacionais.

MUNDO da BOLA

pele JORNALISTA desconhecido

CONTRA A IRLANDA

Está formada a Selecção portuguesa

Os dezassete jogadores e a sua preparação

ESTÃO desde segunda-feira, na Venda do Pinheiro, os jogadores escolhidos para constituírem o grupo nacional que defrontará a Irlanda, a 16 de Junho, pelas 17 horas. Tavares da Silva chamou os seguintes elementos:

- Benfica* — Francisco Ferreira, Moreira e Rogério.
- Sporting* — Azevedo, Cardoso e Peyroteo.
- Belenenses* — Capela, Feliciano, Vasco, Amaro e Serafim.
- Estoril Praia* — Lourenço.
- Porto* — Araújo.
- Olhanense* — Salvador.
- Elvas* — Patalino.
- Boavista* — Calado.
- Académica* — Bentes.

Disputando-se o *match* em Portugal, e sendo permitidas substituições por acordo já estabelecido por escrito entre as duas Federações (a do guarda-redes em qualquer momento, e a de mais duas unidades até o fim da primeira parte), não se nos afigura exagerado o número de jogadores convocados, no intuito de prover a todos os arranjos e de tapar qualquer deficiência que o decorrer do encontro venha porventura a revelar.

Por lugares, a distribuição dos convocados faz-se da seguinte forma:

- Guarda-redes* — Azevedo e Capela.
- Defesas* — Cardoso, Feliciano e Vasco.
- Médios* — Amaro, Francisco Ferreira, Serafim e Moreira.
- Avançados* — Lourenço, Araújo, Patalino, Peyroteo, Salvador, Calado, Rogério e Bentes.

Dada a declaração do Seleccionador Nacional de que se manterá a estrutura da *defesa*, já pela forma dos seus componentes, já pela solidez revelada, não é difícil constituir o *team* dos onze efectivos deste lote amplo dos dezasseis. A linha nacional bem poderá ser a seguinte:

Azevedo, Cardoso, Feliciano, Amaro, Francisco Ferreira, Serafim, Lourenço, Araújo, Peyroteo, Salvador ou Calado e Rogério.

Mantém-se, portanto, a *defesa*, e introduzem-se alterações no ataque em relação ao jogo contra a França, uma delas proveniente da lesão de Espírito Santo e outra resultante de abaixamento de forma. Acrescente-se, no entanto, que todos os jogadores devem estar aptos a entrar na lha, e os suplentes transformar-se-ão rapidamente em efectivos...

Os jogadores passam uma vida tranquila em Venda do Pinheiro, o que de modo algum significa falta de movimento. Há entre todos, como vem sucedendo nos últimos tempos (apesar de se afirmar, por vezes, cá fora, que se passam coisas nos bastidores que nunca se passaram lá), o melhor espírito de camaradagem, e cada um tem a perfeita compreensão do que lhe cumprirá fazer em campo.

Hoje, à tarde, realiza-se, no Estádio Nacional, um novo treino de conjunto, alinhando contra a selecção portuguesa, mais uma vez, o Estoril Praia, que não tem sido bem sucedido nos últimos tempos. Os *internacionais* descem de Venda do Pinheiro ao Estádio Nacional também na próxima quinta e sexta-feiras, para exercícios ginásticos, de corrida, de adestramento de domínio da bola e de pontapé, e ainda de marcação, isto é, treino individual — visando o conjunto.

Na semana do jogo, os *internacionais* treinar-se-ão no Estádio Nacional de terça e sexta-feira, incluindo o treino semanal de conjunto. Além da ginástica diária, haverá, em Venda do Pinheiro, os marches em pleno campo e os *cross* através dos pinheis. Acompanhando o treino com a bola, serão ministradas diariamente preleções teóricas, repelindo-se sempre e sempre os fundamentos basilares do jogo. Essas explicações serão em conjunto ou parciais, conforme as necessidades previsíveis. Há ainda a tarefa de revestir o Grupo Nacional de confiança e optimismo, sem exógenos. A selecção portuguesa de futebol apresentar-se-á contra a Irlanda sólidamente preparada, moral, física e tecnicamente. O resto ver-se-á depois. Ninguém adivinha o futuro, mesmo os que presumem de bruxos.

CORRE QUE...

Deverá ser nomeada brevemente a nova Comissão Administrativa, assumindo o cargo de presidente o sr. engenheiro André Navarro.

♦♦ Clubes interessados na questão agitam a ideia do alargamento da Primeira Divisão do Campeonato Nacional para catorze clubes.

♦♦ Afinal, Travassos Tavares não aceitou o cargo de inquiridor aos incidentes ocorridos em Guimarães, parecendo que se ocupará do assunto, nessa qualidade, Eugénio Moita.

♦♦ Que, afinal, o inquérito rápido aos acontecimentos de Guimarães nos parece um pouco demorado... e que tudo esquece com o tempo!

♦♦ Fala-se em que Serafim, não contente no seu clube, o Boavista, mantém conversas para ingressar no Sporting, o clube que precisa de um médio-centro.

♦♦ Também andam coisas no ar relativamente a jogadores do Olhanense.

♦♦ Patalino seria cobigado por alguns clubes, mas, no caso de transferência, o Benfica levaria a palma a todos.

Há resposta para tudo...

P. 382 — Qual é o conhecido jogador de futebol inglês que vem treinar o Sporting?

P. 383 — É verdade que o guarda-redes de Montemor-o-Novo, Manuel Joaquim, vai para o Sporting? (Um leão da África na Figueira da Foz).

R. 382 — Não sabemos e estamos convencidos que nada há definitivamente resolvido.

R. 383 — Não temos conhecimento. Mas sabemos que há um keeper novo a treinar no Sporting.

P. 384 — Apostei com um amigo o seguinte: ele diz que o dr. Abrantes Mendes ainda é treinador do Sporting e eu digo que é o sr. Cândido de Oliveira. Quem tem razão? (De A. S., um leão que mora na Estefânia).

R. 384 — Lê-se no Boletim do Sporting, de 30 de maio último, que o futebol, no clube, está presentemente entregue a dois homens: Cândido de Oliveira, que o orienta superiormente, especializando as suas atenções para as categorias de honra e reserva; Abrantes Mendes, que chamou a si em especial os juniores.

Peyroteo luta desesperadamente. Jacques, porém, sabe ser valoroso...



O SPORTING ESTEVE EM PERIGO

Uma boa detesa de Jacques



Cordeiro remata de longe, sem grandes cuidados para os estudantes



A eliminação da Associação Académica não foi fácil. Tornou-se necessário o prolongamento de meia hora para afastar do torneio a eliminar o grupo dos estudantes. Isto já é expressivo. Mas deve acrescentar-se que o grupo de Coimbra esteve a ganhar durante grande parte do encontro, batendo por tres vezes o guarda-redes nacional.

Sem dúvida, a Académica é um grupo animoso — que gosta da luta. A maioria dos seus componentes, não sendo, no ponto de vista técnico, de uma perfeição absoluta distingue-se pela maneira como joga — viva e animada, em linha recta.

Provavelmente, o Sporting dispõe de melhor organização. Quere dizer, *team* com os movimentos bem disciplinados e sabendo cada unidade o que deve fazer. A isso conseguiram os estudantes contrapor a audácia de ataque, sempre que viram uma brecha aberta na sua frente. O ataque de Coimbra caminhou pelo centro do terreno sem paragens escusadas ou hesitações, e soube atirar às redes. Fê-lo, por vezes, com mestria.

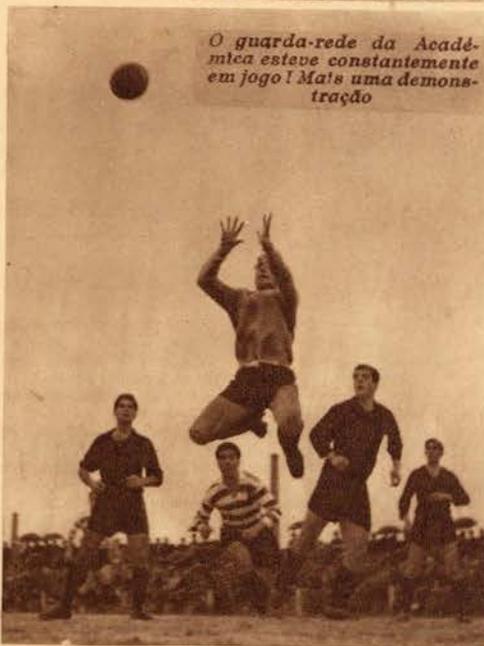
Os jogadores do Sporting empregaram-se a fundo para vencer. Quando chegaram ao empate — estava feita a vitória. Com uma preparação física intensa, os componentes do grupo puderam aplicar-se da mesma forma do primeiro ao último apito. O fôlego e a força muscular deram-lhe o triunfo. Justamente — diga-se. Tal qual as colzas decorreram.

Académica: Jaques, Messias, Mário Reis, Lomba, Braz, António Maria, Angelo, Azeredo, Garção, Nana e Bentes.

Sporting: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Verissimo, Barrosa, Juvenal, Armando Ferreira, Cordeiro, Peyroteo, António Marques e Albano.

Arbitro: Aureliano Fernandes, de Setúbal.

O guarda-rede da Académica esteve constantemente em jogo! Mas uma demonstração



A defesa académica em acção valorosa



Armando Ferreira reapareceu. Um dos seus remates



O Benfica eliminou o Belenenses, vencendo-o no Estádio Nacional por três-zero. O triunfo tem relevo. Foi a vitória do melhor grupo. Quanto tal se pode dizer — está dito tudo.

No entanto, devemos considerar que o Belenenses acaba de triunfar em um torneio que lhe exigiu uma *ponta final* extremamente dura. Estava arrazado, de físico e de espírito. Esta atenuante em nada diminui a vitória do Benfica, que é *team* para ganhar e perder — mesmo contra um Belenenses em *forma*. Mas é uma verdade.

A sua linha de frente, que vive de agilidade e rapidez, das fintas e das desmarcações, pôs em prática o seu método e executou-o com mestria. Tão atilada e brilhante esteve que a defesa do Belenenses foi dominada. Poderá afirmar-se que a mais forte parelha defensiva dos grupos portugueses não se encontrava em tarde de feição. Mas a verdade é que uma coisa é consequência da outra; ao ataque corresponde a defesa...

Sentindo que alguns jogadores estavam arrazados, o Belenenses renovou as suas fileiras — apresentando modificações. O seu ataque não conseguiu infiltrar-se em condições de êxito, e os benfiquenses da defesa desbarataram-no com certa facilidade. Deste modo, o desfecho da luta não poderia ser outro.

O *Benfica*, alinhou com Martins, Cerqueira, Artur Teixeira, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui, Arsénio, Júlio, Joaquim Teixeira e Rogério.

Belenenses: Capela, Vasco, Feliciano, Anaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Elói, Armando, José Pedro e Rafael. Árbitro: Abel Ferreira, de Lisboa.

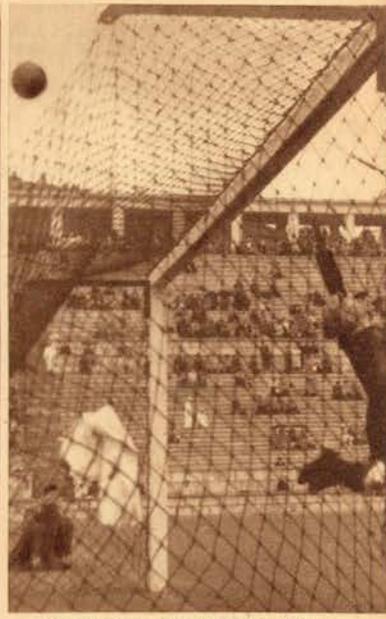
Excelente vitória do BENFICA sobre os campeões nacionais



Moreira lança-se e evita a entrada de Armando



Teixeira impede uma fuga de Armando



O remate saiu por alto! Martins, entretanto, cumpriu com o seu dever...



Um mergulho de Capela aos pés de Julinho, encoberto por Feliciano e Gomes



Apertado por Julinho e entre Vasco e Feliciano — Capela prepara-se para a defesa



A bola foi invalidada por deslocação. Moreira e Teixeira levantam o braço para chamar a atenção do árbitro...

Dois desportistas

Causou funda impressão o falecimento de M. BARLEY e de JOÃO SASSETTI

A morte de Meyrick de Mascarenhas Barley, assim como a de João Sasseti, dois belos desportistas, o primeiro jogador de futebol dos tempos da propaganda, e o segundo esgrimista olímpico, causaram funda impressão nos sectores desportivos.

Com Meyrick Barley desapareceu um homem que, nas três décadas que se seguiram à fundação do C. I. F., desde 1902, muito fez pelo futebol, como praticante e dirigente.

Fazendo parte da 1.ª categoria do velho C. I. F. de Alcântara e das Laranjeiras, era um jogador que todos os adversários respeitavam. Tinha o condão do desportista! Quando o adversário, nervoso, se excedia, Barley transformava num sorriso de amizade o que poderia resultar num inícuo e agreste.

O Clube Internacional de Futebol perde, com a morte do seu sócio n.º 4, um dos seus mais dedicados cooperadores, um homem que aparecia sempre nas situações delicadas da vida clubista. Foi também o introdutor

do hóquei em campo no nosso país. Possuía a medalha de Ouro do Internacional.

João Sasseti era também uma bela figura de desportista. Tinha grande vocação para a prática dos desportos, executando alguns deles muito bem. Mas o que lhe deu maior prestígio foi a esgrima. João Sasseti é dos tempos em que o nosso país tinha um núcleo fortíssimo de atradores. Mesmo assim, conseguia brilhar e destacar-se.

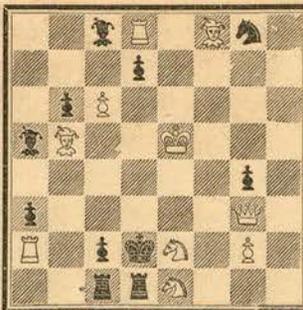
Encantava vê-lo, na pista, um verdadeiro *gentleman*, sempre muito direito e vigoroso, de magnífico estilo. Fazendo parte da equipa portuguesa, deslocou-se algumas vezes aos Jogos Olímpicos, fazendo excelente figura.

O Centro Nacional de Esgrima e a esgrima portuguesa perderam um dos seus melhores valores. Além de tudo, João Sasseti era, na vida social, uma pessoa encantadora de trato e maneiras, e um bom amigo.

Na nossa recordação, a imagem destes dois homens viverá sempre como exemplo de desportistas.

J. J. P. A. SEILBERGER
e M. D. L. ARTZ

UITSLAG — 64° Thema-Tournoi

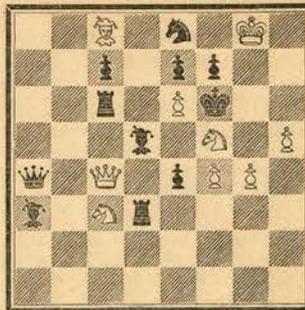


2.º PRÉMIO

2 X

LEMA: PEAO

Concurso Internacional Stadium



2 X

XADREZ

A actividade problemística internacional

COMEÇAM a ser conhecidos os resultados dos primeiros Torneios de Composição após-Guerra. Eis aqui as classificações do VI Concurso Temático da S. E. P. A., vindo a público no último número do seu Boletim mensal:

Juíz e proponente: A. F. Arguelles, de Barcelona.

1.º prémio: E. Paig Ambrós, Badalona (8/b6B/bC2P3/3pp1C1/T3rPP/1dplc2D/2tc4/1tBT2R1.1.Bf5); 2.º prémio: Jálilo Peris, Valência (8/2CR2p1/4ppt1/4recD/2T2pB/3P4/13d2C/4T3.1.Bh5) Menções Honrosas: 1.º A. Romero Rios, Saragoça; 2.º Vasco Santos, Lisboa; 3.º Francisco Novejarque, Barcelona. Recomendados: 1.º F. Novejarque; 2.º J. Peris; 3.º Jorge Brea, Barcelona; 4.º J. Peris. Distinção extra-concursos: Eric M. Hassberg, Nova-York.

O tema exigia *bateria de semi-pregagem com despregagem e auto-pregagem negras simultâneas*. O primeiro prémio apresenta ainda o tema *Herpal*, ou seja, *intercepção simultânea de 2 peças negras com dual evitado*.

Foram examinados 28 problemas de 15 autores, 4 dos quais portugueses: Vasco Santos (5), Emilio Quaresma de Almeida (2—atemáticos), J. Casimiro Vinagre 1—insolúvel, todos de Lisboa, e J. Sotto-Mayor Rego, Porto (3). O Campeonato de Soluções da S. E. P. A. — 1945 resultou num

ótimo sucesso para os amadores portugueses, pois A. Pereira da Silva avantejou-se com a pontuação máxima e Emilio Quaresma de Almeida alcançou o 4.º lugar em ambas as secções de problemas em 2 e 3 lances. As nossas efusivas felicitações.

Concursos anunciados

United States Chess Federation. — 2 grandes concursos internacionais: 1.ª secção: Problemas directos em 2 lances, limitados a 3 por autor. 2.ª secção: Problemas directos em 3 lances. Prémios: 20, 15 e 10 dólares em cada secção. Juizes associados: Geoffrey Mott-Smith e Kenneth S. Howard. Envios em diagrama em triplicado com solução, mas só com deles o nome e morada do autor — dirigidos a Dr. P. G. Keeney, 613 Taylor Avenue, Bellevue, Kentucky, U. S. A. Prazo: 31-7-1946.

Chess Correspondent. — Concurso informativo anual — Problemas em 2 e 3 lances. Envios a Mr Eric M. Hassberg, 757 Manhattan Avenue, Brooklyn 22, Nova-York, U. S. A.

Solução do Problema anterior

(Dr. Feenstra Kuiper)

Chave: 1.De5. bloqueio completo. Sabordina-se ao seguinte tema: No jogo aparente, quando 1...c6xd5, há o mate 2.Cxd3, beneficiando da pregagem da torre negra. A chave desprega justamente esta peça, o que obriga a um câmbio de mate: 1.De5, c6xd5; 2.Dxd6! Muito interessante.

O problema que hoje publicamos é também um bloqueio, com mates mudados, mas versa um tema diferente: Troca de xeque-réplica directo para xeque-cruzado. Os nossos leitores, tendo solucionado o problema, poderão aprofundar a análise.

UM JOGO DESPORTIVO

QUE NÃO PODE MORRER...

O TORNEIO DE "WATER-POLO" DO ALGÉS E DAFUNDO

DE há várias épocas a esta parte que o belo e emotivo jogo do water-polo vive amparado a meia dúzia de boas vontades, destas dedicações ilimitadas que se encontram sempre, em todas as modalidades. Tem vivido assim, como que à margem da acção e da protecção das entidades organizadoras, não se disputando campeonatos, nem regionais, nem nacionais.

Mesmo assim, mesmo com a indiferença de uns e o desinteresse de quase todos, a modalidade não morreu. E se não morreu — manda o mais elementar espírito de justiça afirmá-lo — ao Algés quase exclusivamente o deve. E dizemos quase exclusivamente, porque outro clube, embora em condições bastante ínglidas e desvantajosas, também tem lutado corajosamente pelo water-polo, o Estoril Praia.

Por hoje, falemos, no entanto, do Algés, cujo torneio inter-sócios teve ontem, à tarde, o seu início.

Estes torneios inter-sócios, realizados sempre nesta altura do ano, são já tradicionais dentro do prestigioso clube. Dalem de há alguns anos. Triunfaram. Criaram raízes fundas. E hoje são, pode dizer-se, como que uma necessidade, considerada indispensável por todos.

O torneio do Algés, que ontem começou a disputar-se, de novo traz à superfície determinadas virtudes do water-polo, uma das quais — e talvez a não menos importante — é permitir manter em actividade desportiva determinados elementos, que, por causas várias, já não podem participar com êxito em provas de natação pura. E é assim que vemos incluídos nas diversas equipas concorrentes nomes como os de Armando Marinho de Almeida, Fernando Machado, José Duarte Pedrosa — nomes que fizeram época e que hoje, se não fora o water-polo, talvez lixessem abandonado definitivamente a natação.

Numa época em que o water-polo parece voltar a interessar os elementos federativos, o torneio organizado pelo Algés — agrupando mais de meia centena de jogadores — merece ser posto em destaque. Representa, antes de mais nada, absoluta fidelidade a uma directriz de há muito traçada. Representa, não só noção exacta do que deve ser um clube que tem na natação a sua razão de existência, mas também belo espírito de luta contra a rotina e contra a inércia aflitiva do nosso acanhado meio, e contra a indiferença de uns e contra o comodismo de outros.

A Iluminante

MATERIAL ELECTRICO
PARA TODAS AS
APLICAÇÕES

Avenida Almirante Reis, 6
LISBOA

♦ NATAÇÃO ♦

Um novo recorde mundial?

A U. R. S. S. possui um nadador muito notável: Leonidas Mechkov. Recentemente percorreu 100 metros, bruços, em 1 m. 6,7 s. batendo largamente o recorde mundial, que pertence ao americano R. R. Hough, com 1 m. 7,3 s.

Embora este tempo anunciado deixe algumas dúvidas sobre a regularidade da prova, parece que Mechkov é indiscutivelmente muito bom nadador e capaz de competir com os melhores europeus e americanos.

Mechkov é um nadador eclético, capaz de percorrer 400 metros (bruços) em 5 m. 38,4 s., os 500 em 7 m. 10,6 s., e os 200 (estilo livre) em 2 m. 8,2 s., tempos fenomenais.

♦ TÊNIS ♦

Dinny Pails um formidável campeão

A crítica inglesa tece louvores infundáveis ao jovem tenista australiano Dinny Pails, recentemente chegado a Inglaterra para competir no Torneio de Wimbledon.

O crítico Stanley Doust, entusiasmado ao rubro, afirma que para ganhar a esta magnífica máquina humana será preciso alguém com maior categoria que Perry, Vines, Tilden ou Budge, precisamente os quatro maiores tenistas de todos os tempos.

Inscrito nos Campeonatos do Surrey, juntamente com os colegas Geoff Brown e Jack Harper, produziu extraordinária impressão de virtuosismo e poder. Derrotou no primeiro dia F. D. Leyland por 6/0 e 6/3, em 28 minutos de jogo. No segundo jogo, estando a ganhar por 6/0 5/2 e a 1 ponto da vitória, declarou desistiu, como protesto contra o estado do terreno, que classificou de o pior do Mundo!

O público e a crítica apreciaram severamente esta atitude, mas Pails justificou-a dizendo que é amador e não veio a Inglaterra para tomar parte em concursos regionais, mas no Torneio de Wimbledon.

♦ BASQUETEBOLO ♦

Vitória dos checos em Paris

OS jogadores checos de basquetebol, actuais campeões da Europa, bateram uma selecção parisiense por 35 pontos a 31.

Os U. N. C. A. S., de Praga, no fim da primeira parte, perdiam por 15/18, mas no final do desafio já haviam conquistado ligeira vantagem sobre a coligação P. U. C. — Championnet.

Krepela, Velinsky e Krása foram extraordinários de virtuosismo no grupo visitante.

Stadium

A vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

— NOTA DA SEMANA —

OS jornais desportivos têm trazido a lume, agora com desusada frequência, notícias retumbantes sobre a actividade do pugilista Agostinho Guedes nos «rings» norte-americanos.

Manifestando poder de golpe irresistível e desconhecido daqueles que o viram combater em Portugal, o nosso compatriota despachou pela via mais rápida cerca de meia-dúzia de adversários, cuja celebridade, se ainda não mereceu figurar nesse brevíssimo do pugilismo que se chama «The Ring», onde se registam quase todos os combates de combatentes de razoável merecimento, também é certo não deu origem a comentários desprimorosos noutros jornais.

Estas considerações não tendem a depreciar a actividade de Agostinho Guedes. As únicas ocasiões em que o vimos lutar com adversários de classe foi quando o opuseram a Cerdan e a Arceñiga. Abatido ao primeiro assalto e vencedor por pontos, respectivamente, no primeiro e segundo casos, deixou-nos impressão de não possuir temperamento combativo e capacidade de encaixe. O tal decantado poder de soco, também jamais vimos brilhar.

Há, todavia, outras razões que nos causam perplexidade e cepticismo. A primeira consiste na personalidade de Guedes; honesta e digna, mas facilmente dominável. A segunda, no conceito que temos do pugilismo profissional americano.

O boxe a prêmio pecuniário é tudo menos desporto. Apenas negócio ou, se o quisermos, uma indústria. Para conseguir colocar o produto, torna-se indispensável reclame, bom acabamento e uns tantos por cento de intrujice, tudo bem misturado e bem mexido antes de expor ao público.

Isto não quer dizer que Agostinho Guedes não tenha tirado proveito da sua estadia na América do Norte, aonde foi por motivos completamente alheios ao boxe. Deve ter aprendido algo mais do que sabia, quando pisava a lona do Parque Mayer e do Campo Pequeno. Mas daí além abater pugilistas americanos de cartel mediano, parece-nos muita distância vencida em curto prazo de tempo. Ou os vencidos são velhas glórias em liquidação ou aquilo constitui as paredes mestras dum edifício comercial.

R. B.

♦ FUTEBOLO ♦

A Seleção da Irlanda está constituída

A Federação Irlandesa de Futebol já constituiu definitivamente o grupo que defrontará Portugal no próximo dia 16. E' formado pelos melhores nomes do futebol irlandês tirados de clubes famosos. O team tem conjunto, em virtude deste país participar no Campeonato a que concorrem também a Inglaterra, o País de Gales e a Escócia. Também a selecção portuguesa já está constituída, posto que o Seleccionador não tenha revelado o arranjo definitivo do grupo.

O próximo Campeonato Inglês

A Federação Inglesa de Futebol decidiu regressar ao calendário usado em 1939, antes da Guerra. Os jogos a realizar no dia 31 de Agosto, o primeiro da época 1946-1947, são os seguintes, em cada uma das divisões principais: Chelsea contra Bolton; Everton contra Brentford; Aston Villa

contra Middlesbrough; Stoke contra Charlton; Sunderland contra Derby e Wolves contra Arsenal, na 1.ª Divisão.

Leicester contra Manchester City; Millwall contra Newcastle; Plymouth contra W. Bromich; Spurs contra Birmingham City; Newport contra Southampton e Barnsley contra Nottingham Forest, na 2.ª Divisão.

Entretanto, alguns clubes vão-se exibindo no continente europeu com sorte variável.

O Charlton ganhou em Paris, brilhantemente, por 5-2, ao Red Star, enquanto que o Derby County, fatigado, perdeu na Checo-Eslóvaquia, contra o Sparta e contra o Slavia, por escassa diferença.

♦ AUTOMOBILISMO ♦

Um novo recorde em Indianapolis

O corredor automobilista Ralph Hepburn, que já ultrapassou o calo das 50 primaveras, bateu todos os recordes de velocidade no autódromo de Indianapolis, percorrendo a pista de 2 milhas e meia à velocidade de 223 quilómetros à hora. O antigo recorde pertencia a Jimmy Sider, com 219 km/hora.

♦ BOXE ♦

Difícil vitória de Cerdan

O pugilista Marcel Cerdan, campeão de França da classe «médios», ganhou com pouco brilhantismo a Robert Charron, em 12 assaltos.

Conforme previmos, a luta foi áspera, mas o brilhante e potente marroquino — homem perigoso nos primeiros 6 assaltos — não conseguiu adormecer o adversário, como tem feito a muitos outros.

Charron é um pândego que aprecia o convívio do sexo-fraco e das bebidas alcoólicas, segundo se depreende da leitura dos jornais franceses. Por outro lado, Cerdan passa o tempo a jogar futebol e a divertir-se com amigos, de preferência a treinar a fundo.

Nestas condições, um e outro subirão à plataforma do combate em igualdade.

O comportamento de Charron, mais que o de Cerdan, é para registar pela sua magnífica coragem e resistência.

♦ HIPISMO ♦

O Derby de Epsom Downs

QUANDO estas linhas vierem a lume estaremos a escassas horas da prova hípica mais notável de toda a Europa, tanto pelo significado como pela celebridade.

Nesta data figuram ainda 25 poldros inscritos, mas pensa-se que apenas 20 compareceram à partida. Os que desistirem pagarão cinquenta libras de multa.

Os animais transportam, igualmente, o mesmo peso de 9 stons, incluindo jockey, selim e arreio e — naturalmente — o contrapeso necessário até perfazer esse total.

Aldis Lamp, Fast and Fair, de Lorde Astor; Happy Knight, de Sir W. Cooke; Sky High, Gulf Stream, de Lo. de Maseri; Khaled, de Aga Khan, e Radiotherapy, de T. Lilley partem favoritos.

Hepburn é um dos corredores que tomarão parte na prova clássica das 500 milhas, que se disputa no momento em que a nossa revista entra na máquina.

Entre outros concorrentes figuram o alemão Rodolfo Caracciola e o italiano Villorosi, vencedor do Grande Grémio de Nice, que pilotou uma Maserati de 8 cilindros à velocidade de 195,347 km/hora durante as provas eliminatórias.

O FAMILICÃO em evidência



Cerqueira ativia o seu campo e Salvador defende-se...



Uma arrojada defesa de Sansão, para evitar o remate de Salvador



Uma defesa em falso de Sansão, Cerqueira acabará por evitar o tento



Barrigana prepara-se para a defesa. O setubalense, a despeito do seu balanço não pôde marcar

Vitorias do PORTO e ELVAS

O Porto bateu o Vitória de Setúbal por uma diferença de pontos — que não dá ideia da maneira como o encontro decorreu. Os setubalenses acusaram o defeito já revelado de outras vezes: abundância de passagens, sem complemento de proveito prático. Em contraste, os portuenses infiltraram-se linearmente — aproveitando todas as oportunidades. Praticamente — muito bem.

O Elvas derrotou o Oliveirense, em Santarém, por cinco-um. O desafio teve dois aspectos: uma primeira parte de domínio territorial do Oliveirense, e um segundo tempo de vantagem do Elvas. Nesta segunda fase, o grupo elvense funcionou magnificamente e soube aproveitar as ocasiões de goal.

No Estádio Nacional deu-se a surpresa da eliminação: o Olhanense foi atirado para fora pelo Famicão, um grupo da Província que tem incontestável valor. Os algarvios estão num período de abaixamento de forma.



Andrade, médio direito do Porto, evita uma carga de Rendas



Uma defesa arrojada de Semedo



O ataque Oliveirense não foi feliz. Todavia, não deixou descansar os adversários



A defesa elvense antecipa-se ao ataque adversário

O ATLETICO eliminou o ESTORIL

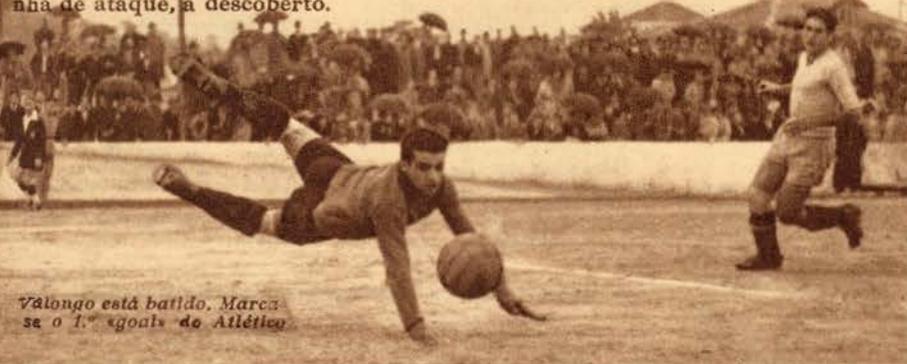
O Atlético conseguiu eliminar o Estoril Praia. Digamos, desde já, com um pouco de felicidade. Mas a bola é assim mesmo. Ganha-se, podendo perder-se; e perde-se, podendo ganhar-se. No fundo, é a conclusão das jogadas, a que se chama «goal», que interessa no ponto de vista de competição.

Os «atléticos» aproveitaram duas oportunidades. Já o seu adversário desperdiçou muitos golpes, e dos chamados mortais. Por mau remate? A verdade é que nem isso se deverá afirmar. Algumas das bolas chutadas às balizas do Atlético não entraram — nem sabemos porquê...

E' de justiça salientar que o Atlético, propriamente como conjunto, manteve melhor organização, devendo a uma mais perfeita disciplina de movimentos continuar na prova — que não perdão aos que perdem... O Estoril, pelo contrário, esqueceu-se-se do plano do jogo, deixando os adversários, muitas vezes, na sua linha de ataque, a descoberto.



Gregório salta, ante a oposição de Mateus. A bola foi ganha pelo alcantarense



Valongo está batido. Marca-se o 1.º goal do Atlético



Uma defesa arrojada de Valongo



O guarda-rede português devolve a bola com os punhos, carregado com um adversário



Alcino prepara-se para rematar, mas Afonso está bem colocado...

TRIUNFO vimararense



Uma intervenção segura de Pintado. Arlindo foi desarmado

O Portimonense, a esperança algarvia, sucumbiu em frente do Vitória de Guimarães, um grupo já calcado e experiente das lutas decisivas.

Os «teams» não se improvisam de pé para a mão, e isto mesmo dissemos a um algarvio muito amigo, ao anunciar-nos na sua terra (Portimão) um grupo capaz de fazer tremer a terra...

Mas o Portimonense não demonstrou qualidades? — Claro que sim... Alguns lances denunciaram a tendência para o futebol organizado, e certos elementos mostraram possuir centelha. Está ali um grupo em formação que, remendado num e noutro ponto, conseguirá fazer carreira.

O Vitória de Guimarães, em subordinação ao princípio de que «todos os encontros são difíceis», entrou no rectângulo resolvido a não se deixar surpreender. Carregou a fundo no acelerador logo que a bola começou a rolar. Os algarvios, particularmente um pouco surpreendidos, não puderam replicar ao ritmo que lhes era imposto. Viram-se na necessidade de acellar os acontecimentos. Como resultante: duas bolas na primeira parte e três na segunda.

Os grupos alinharam:
Vitória de Guimarães: Machado, Curado, João, Lucio, Garcia, José Maria, Dias, Briso, Alexandre, Alcino e Arlindo.

Portimonense: Afonso, Pintado, Vitória, Avelino, Quintas, Vicente, Marrelros, Pacheco, Gilberto, Delfim e Peniche.

Um jogador de futebol

E' sem dúvida um dos melhores interiores portugueses este jogador do Boavista F. C. e recentemente da selecção do Porto.

Caiado, que dispõe de um pontapé fortíssimo, inesperado e

UM DIRIGENTE



FERNANDO MOREIRA

Fernando Moreira esteve até há pouco tempo nos quadros directivos do Boavista, clube a que tem dado o melhor da sua actividade. Verdadeiro construtor, Fernando Moreira deixava sempre de si uma impressão agradável, já por causa do seu trato agradável, já por via da sua educação esmerada e desportiva.

Recentemente, quis Fernando Moreira retirar-se. Qualquer atitude o melindrou. A assembleia geral do clube do Bessa, todavia, procurou levar o distinto desportista a reconsiderar e a manter-se nas fileiras que honrou sempre como poucos. Os sócios do Boavista reconhecem os excelentes esforços de Fernando Moreira, e não deixaram de lho manifestar na altura própria.

E ficará. Fernando Moreira é um desportista sério e necessário ao seu velho clube.

Mosaicos nortenhos...

CAIADO, excelente avançado do Boavista, impressionou agradavelmente em Lisboa, segundo revela a crítica. Teremos mais um elemento capaz de valorizar o futebol português, ou irá este perder também esta pedra de bom quilate?

Estamos já tão acostumados aos abandonos mais inoportunos...

◆ **AFIRMAM-NOS** que conlou em Lisboa ter vindo para o F. C. do Porto o jogador Travassos, do G. D. da «Cuf». Não é verdade. Procurem-no noutro lado — que por cá não há nada de novo...

◆ **O BASQUETEBOL** português não ficou mal colocado no campeonato nacional. O Vasco obteve o mesmo número de pontos do primeiro classificado (para quando a eliminação do «goal-average»?) e o F. C. do Porto foi 4.º na tabela. Podia até ter sido mais feliz o clube azul branco. Se não perdia em Coimbra, o que estava absolutamente dentro das suas possibilidades, e houvesse ganho ao Benfica, o que mereceu amplamente, teria uma classificação famosa: Vasco, 1.º; F. C. do Porto, 2.º.

Claro que isto é paisagem...

◆ **O ANDEBOL** deixa-se conduzir por critérios que nos parecem discutíveis, insensatos, e mal se apercebem os seus melhores apaixonados sobre que joguira andam a bailar.

Pobre da modalidade que enquadrar em suas fileiras gente disposta a tudo fazer pelo arito, intriga e malquerença. O desporto não pode aceitar a colaboração dos seden-

tos de vinganças mesquinhas ou daqueles que se recusam a pesar as suas responsabilidades no momento próprio. Consentil-os — é viver sempre em guerra!

◆ **O BOAVISTA** terá de jogar com o F. C. do Porto para garantir o seu lugar na Divisão de Honra do Nacional. Há quem esteja apreenhivo e se disponha à campanha capaz de alterar mais uma vez a forma de disputar o campeonato. Não! O caminho deve estar errado! Deixemo-nos definitivamente de brincadeiras com coisas sérias.

O simpático clube do Bessa vencerá, porque tem equipa para isso, — e deve manter-se o número de clubes já indicados pela entidade máxima. Acabem com as fantasias...



certo, foi escolhido pelo seleccionador, e não se sabe, nesta altura, se para efectivo ou para suplente. Seja como for, Caiado foi escolhido com oportunidade, e se tiver de prestar provas, não deixará ficar mal o futebol português.

ATLETAS DO PASSADO



Miguel Siska — é um atleta do passado. Veio, este «repaz», do Vases de Budapeste, para o F. C. do Porto, quando tinha 18 anos — uma criança. Em Budapeste elinhava num grupo de novos (os nossos juniores), e por causa do abandono definitivo de Lino Moreira, o primeiro guarda-redes campeão de Portugal, pôde Miguel Siska preencher com muita galhardia o lugar vago.

Ainda muito antes de chegar aos 20 anos, já Siska era considerado um guarda-redes excepcional. O F. C. do Porto era difícil de bater por sua causa. Siska era um portento, e a imprensa chamava-lhe «o meio team». O primeiro encontro entre-cidades que o Porto ganhou em Lisboa, no Campo grande do Sporting, foi mesmo assim... Belbino marcou um «goal» na bola de saída; e Geza, também um admirável húngaro que jogara

o extremo-esquerdo, marcou outro. Canulo, salvo erro, obteve o unico ponto da capital. Siska fez o resto. Defendeu com uma segurança e uma classe tais, que o público e a crítica ficaram assombrados!

Outra vez, em Viana do Castelo, numa final contra o Sporting, que o F. C. do Porto ganhou por 2-1 — Siska defendeu... como Siska! Bem se aplicaram Jaime Gonçalves, João Francisco, Torres Pereira, Emilio Ramos... Siska — era enorme.

Quantos jogos efectuou Siska que possam recordar-se? Tantos... Certo jogo, em Santarém, de desempate, contra o Beirenenses, que o Porto perdeu 2-1 após um prolongamento, — o que jogou Miguel Siska, santo Deus! Defendeu um «penalty» a Pepe, e ainda a recarga, de modo impressionante. Se não fora certa carga irregular de Silva Marques, que Pedro Escartin deixou seguir e deu a vitória ao grupo azul, talvez tivéssemos de assistir a novo encontro.

No final desse encontro — Augusto Silva, Pepe e César saíram do campo abraçados a Siska. E o público de Santarém, numa sessão de cinema, depois do jogo, levantou-se em peso para o aplaudir doidamente.

Hoje, Siska é ainda do F. C. do Porto. Já foi seu treinador e desempenha funções na sua secretaria. O «húngaro tripeirizado» nunca mais poderá ser esquecido pela família azul branca! Como «Pinga». Como tantos.

ACTUALIDADES...

O valor da disciplina

PARECE impossível que estas coisas aconteçam, mas a verdade é que acontecem... O andebol português anda positivamente à razão de juras, nas esleras directivas, e aborrece que a paixão cegue os espiritos a ponto de se desenharem um puro acto de rebeldia.

Está ainda em causa o assanto Porto-Vigorosa, que a Federação resolveu há semanas e com a melhor rapidez possível, certamente para não perturbar a marcha dos campeonatos. Mas foi baldado o seu esforço. A Associação da segunda cidade do país não quis acatar a resolução federativa e recorre agora para a Direcção Geral, segundo tangem os sinos do seu porta-voz, apaixonado e com certeza no segredo das intimidades opositoras.

Assim, não pode trabalhar-se. As intencionadas atitudes da gente com responsabilidades podem cavar fundas desobediências e possíveis desmoronamentos na marcha da modalidade.

Agora se pronunciará a entidade dirigente do desporto nacional, mas não pode louvar-se de nenhum modo o propósito leviano de perturbar o ambiente e deslocar o que tanto tempo levou a construir. Há gente a mais na direcção de entidades com funções coordenadoras? Elimine-se, de vez, a acção dos desorientados, que prestam maus serviços e nem de perto nem de longe correspondem à confiança neles depositada.

Do contrário — o andebol perder-se-á nesta cidade.

A Volta a Espanha

HOQUISTAS PORTUGUESES EM ESPANHA

Éxito completo do Paço de Arcos

nas quatro partidas que foi disputar contra equipas da Catalunha

ESTA primeira deslocação, de uma equipa de clube, para o estrangeiro, constituiu, com efeito, no campo das actividades hoquistas nacionais, um êxito absoluto. Merecedor, realmente, de realce — e de parabéns. Pelo seu significado, e, até, porque muito pode e deve contribuir para o futuro da modalidade. Não somente no aspecto nacional, como, também, do ponto de vista internacional. Está, pois, de parabéns o hoquei português. Que, diga-se, já muito deve ao novel mas progressivo e persistente clube de Paço de Arcos. E nunca se torna demasiado ler-teh-lo favores — pela sua acção construtiva, de sempre, desde princípio, e, cremos, no futuro.

Recorde-se, a propósito, que embora tivesse sido o Paço de Arcos o primeiro agrupamento clubístico de hoquei a deslocar-se para o estrangeiro, já outro, muito antes, o fizera — mas então (e há dezasseis anos!) com um encargo bem mais pesado: o da estreia de Portugal nos campeonatos da Europa. Referimo-nos, claro está, ao Benfica, e cuja equipa completa (Fernando Adrião António Adão, José Prazeres, Germano de Magalhães, Leonel Costa e José Carlos) foi comelida a honrosa quádrupla tarefa de representar o País numa competição de carácter internacional — de grande envergadura e alto significado. Agora, porém, trata-se de uma simples digressão de turma de clube — que nem por ser a primeira deixou de ter brilhantismo.

Os campeões de Portugal, na realidade, foram bons representantes do hoquei lusitano em terras de Espanha. E os resultados — quatro magníficos triunfos, qual deles o mais brilhante, em outros tantos desafios — atestam, com a necessária clareza, o valor técnico da equipa de Paço de Arcos, que tem nos primeiros Correios os seus melhores ornamentos. Ganhar pelas margens que os portugueses ganharam, com as dificuldades que se apercebem dos próprios resultados, dado que actuavam em terra estranha e onde tinha, fatalmente, de imperar o ardor patriótico, é proeza que merece salientar-se. E os catalães, apesar de tudo, não podiam deixar de reconhecer o mérito dos lusitanos — primeiros mestres que receberam! Assim deve ter sucedido. Que, em verdade, e em relação aos portugueses, os espanhóis ainda estão — e figura-se-nos — algo atrasados neste género do desporto...

As quatro vitórias do Paço de Arcos (contra Reus, campeão de Espanha, 9-4; Deportivo Español, sub-campeão de Espanha e campeão da Catalunha, 4-3; Girona, 3-0 classificado no campeonato de Catalunha, 9-2; misto Español-Clube Pallis, 6-1) cifram-se, na totalidade, em 28 lances e 10 — margem belíssima: de 7 pontos marcados por defeito contra 2,5; e isto, na simplicidade dos números, quer dizer muito... Porque a superioridade técnica dos lusitanos foi notória — como já

sucedera em Montreux com a equipa nacional. E ainda, cile-se o facto com desvanecimento, no aspecto de conduta em campo, pelo desportismo e correcção de que os nossos representantes deram mostras, consoante testemunham fotografias nesse sentido recebidas.

Éxito completo. Triunfo absoluto — em todos os campos... E a certeza de que o hoquei português confirmou «classe» internacional: por outro, reafirmou, nesta digressão através da Catalunha, um valor positivo. Agora, há que pensar, a sério, muito a sério, na defesa de direitos conquistados: e proceder da melhor forma — para que tenha também êxito a organização a que se obrigou Portugal para 1947. Os campeonatos do Mundo e da Europa podem — e devem — ser uma organização triunfante dos portugueses. Entrelanto — não seria bom «tentar» um Portugal-Espanha, ou mesmo um Espanha-Portugal? Para o caso, tenho [o]z que seja na nossa terra como em terra estranha: porque o hoquei português não recela confronto — e pode muitíssimo bem arcar com as responsabilidades de um (de mais um!) encontro fora... Pelo menos — deu já provas suficientes da sua capacidade internacional. Os quatro triunfos agora conquistados pelo Paço de Arcos são, apenas, a sequência do que se tem feito; e o reflexo, ou o prémio, de um trabalho árduo — mas perseverante e coroado dos melhores êxitos.

Jorge Monteiro

BASQUETEBOL

PORTO E COIMBRA

na final dos júniores

○ Grupo Desportivo da «Cufa», campeão de basquetebol da segunda divisão, perdeu o título máximo em Coimbra, contra o Olivais, com equipa bem constituída, tão bem que no campeonato regional dificultou extraordinariamente a vitória do Sport.

Concluiu-se deste modo mais um campeonato da Federação Portuguesa de Basquetebol, que esta época não teve o brilhantismo do ano findo. Os rapazes de Coimbra ganharam o jogo final por 31-23.

Falta agora «discutir» o título nacional de júniores, em que são finalistas o Vasco da Gama, no domingo vencedor do Fluvial por 23-13. Será seu adversário o Vitória de Coimbra, que eliminou os lisboetas campeões e segundos classificados, prova da sua boa classe.

Assistir-se-á, por certo, a uma boa final entre os jovens praticantes do Porto e de Coimbra.

conquanto desmoralizado com o incidente da véspera, também bateu homens que nas tiradas em linha o vinham saplantando, e até Jorge Pereira e Aristides deram boa conta de si. Langarica, vencedor desta caminhada, após a prova brilhantíssima, cobriu os 53 quilómetros em 1 h., 44 m. e 54 s., isto mesmo após acidente que o reteve bastante tempo na estrada. Rebelo creditou-se com 1 h., 50 m. e 11 s., mas também sofreu uma avaria.

O desejo de melhorar a sua classificação foi evidente em Rebelo a partir de Gijón. Havendo de entre o primeiro da etapa de Leon-Berrendero — e o último uma diferença de 35 m., Rebelo ficou a 42 s. do vencedor, e batido apenas já na embalagem para a meta. Com esta magnífica prova, o sportingista melhorou três pontos.

A caminho de Valladolid, onde trianfoa Fombelida, no tempo de 4 h., 21 m. e 27 s., Rebelo foi com Olmos o mais combativo de todos os concorrentes. Sempre na frente do pelotão, impondo um «passo» fortíssimo na ânsia de «descolar» adversários, Rebelo tanto forçou que a 60 quilómetros só 8 homens o acompanhavam. Este grapo, do qual fazia parte Lourenço, chegou a Valladolid com um avanço de 3 m. sobre os mais próximos perseguidores. E assim o português conseguiu saber mais um lugar.

A Aristides Martins coube a honra de ser o melhor português na última etapa. Tendo-se isolado Berrendero a 100 quilómetros de Madrid — numa tentativa feliz e oportuna para conquistar o segundo lugar da classificação geral e o terceiro posto no Prémio da Montanha — tudo quanto ficou à retaguarda do madrileño procurou agir consoante as suas conveniências: os companheiros de Berrendero refreando a marcha para que este ganhasse tempo, e os homens de menor poder tentando arranjar companheiros que os pudessem ajudar a vencer o resto da caminhada. Aristides, bem colocado no momento do ataque, integrou-se no primeiro pelotão e com ele chegou a Madrid, no bom tempo de 8 h. 12 m. 1 s., o mesmo que Délio, segundo classificado, e o de mais 12 estradistas. Rebelo, que a princípio se não apercebera da fuga de Berrendero, chegou em 18., com o tempo de 8 h. 17 m. 48 s., ressaltado que lhe permitia todavia conservar o décimo lugar da classificação geral.

Assim terminou a VI Volta a Espanha, prova que, pela sua importância, merece mais amplos comentários e nos quais se verificaram os seguintes resultados:

- 1.º Langarica, 137 h. 10 m. 38 s.;
- 2.º Berrendero, 137 h. 28 m. 10 s.;
- 3.º Lambrichts (holandês), 137 h. 34 m. 2 s.;
- 4.º Costa, 137 h. 34 m. 57 s.;
- 5.º Délio, 137 h. 55 m. 42 s.;
- 6.º Fombelida, 137 h. 56 m. 47 s.;
- 7.º Rebelo, 139 h. 4 m. 15 s.;
- 27.º Jorge Pereira, 142 h. 12 m. 45 s.;
- 28.º Aristides, 142 h. 36 m. 55 s.;
- 29.º Lourenço, 143 h. 2 m.

Gil Moreira

(Continuação da página 6)

aos escaladores, passando no alto das serras em terceiro, batendo todos menos Langarica e Emilio Rodriguez. E nas descidas para Santander, o corredor lisitano jamais perdeu contacto com o grapo da frente. Delo ganhou a etapa em 9 h. 15 s., creditando-se Rebelo com igual tempo.

Agindo em terreno pouco propício às suas características, Lourenço, Aristides, Martins e Jorge Pereira, nestas duas caminhadas, chegaram atrasados, mas sempre com adversários ainda à sua retaguarda.

De Santander a Reinosa correu-se quase como na célebre etapa para Cáceres. Latou-se até ao máximo das possibilidades, a aproveitar as dificuldades das serras de Castillo Pedroso e Escudo para modificar ou consolidar posições. Langarica, vencedor da tirada — 110 quilómetros em 5 h. 20 s. 26 — apossou-se do primeiro lugar da classificação: Emilio Rodriguez colocou-se no posto de favorito para o Percurso da Montanha e Rebelo de 19.º passou para 13.º. Desta feita, o campeão português não foi, como em 1945, o primeiro no alto do Escudo, mas mostrou ser um dos concorrentes em melhores condições físicas.

Chegando no grapo da frente a Gijón, final da etapa seguinte, Lourenço, numa embalagem impressionante, iniciado longe da meta, foi o primeiro a transpor o risco, tal como a fotografia que publicamos o demonstra. Dada, porém, a pequenissima diferença com que Lourenço bateu Langarica, à sua direita, e aquela a que ficou Délio, que tentou «remontar» o português pela esquerda — o júri, não discernindo bem essas diferenças, deu o galego como vencedor, resolução que ficou todavia sujeita a rectificações. Seja porém qual for a deliberação do júri, há que assinalar excelente *sprints* de Lourenço, feito é certo depois de corrida mediocre, mas que havia sido igual para todos, e finda a qual o português conseguia demonstrar ser o mais rápido. O tempo da etapa, concluída em pelotão pela maioria dos concorrentes, foi de 8 h. 8 m. 7 s. para 204 quilómetros.

Teve acção muito benéfica para os portugueses o dia de descanso em Gijón. Na etapa que se seguiu — Gijón-Oviedo contra relógio, com partidas individuais, Rebelo, classificado em décimo, foi todavia superior a muitos rotadores consagrados, como Délio, Olmos e Sancho; Lourenço,

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Gusto por número..	2\$00
3 meses, Esc. . . .	26\$00
6 » »	52\$00
12 » »	104\$00



Seguiram para Madrid, na última semana, os ginastas portugueses, onde já se exibiram, com muito agrado.

Em cima, os ginastas e famílias que se foram despedir ao Rossio. Em baixo, quatro senhoras atletas do Ginásio Clube, na hora da despedida. Que alegria a sua!



Vai disputar-se em Madrid o concurso internacional de hipismo. A partida dos nossos cavaleiros

VIDA Desportiva



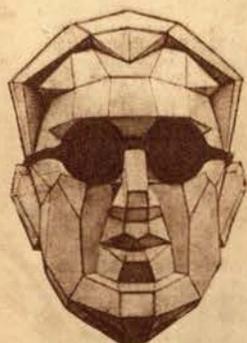
Disputou-se o campeonato nacional da Mocidade Portuguesa, no Estádio Nacional. Em cima, vê-se o grupo de concorrentes em baixo, a equipa do Douro Litoral que venceu em conjunto



Os finalistas do campeonato militar de andebol. Vencedor: A Defesa Anti-Aerea



Os tenistas do C. I. F. e do Sporting, na final da Taça «Manuel Nunes dos Santos»



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1868
Depositiária das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 2 2629 LISBOA



O S. L. e Benfica ganhou o campeonato de Lisboa de andebol, na categoria de juniores



multiball

A
ica
Revista
rtuguesa
de todos
desportos



Stadium

A Revista dos Desportistas